

# A distinção entre fenômenos e coisas em si como chave para a conciliação da metafísica com as ciências teóricas nos *Prolegômenos a toda a metafísica futura*

*Monique Hulshof*

Orientadora: Maria Lúcia Oliveira Cacciola  
FAPESP

Nos *Prolegômenos a toda metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*, Kant afirma que a metafísica é constituída de duas partes: a primeira consiste em conhecimentos sintéticos *a priori* que encontram sua aplicação na experiência, enquanto a segunda, sua parte essencial, “tem a ver com conceitos puros da razão, que nunca são dados numa experiência qualquer possível”<sup>1</sup>. Na pesquisa a ser desenvolvida, pretende-se examinar como Kant estabelece, a partir da distinção das coisas em geral em coisas enquanto fenômenos e enquanto em si mesmas, a possibilidade da metafísica em seus dois sentidos. Tal exame terá como intuito a compreensão da maneira pela qual o filósofo pode conciliar a legitimação da objetividade dos conhecimentos *a priori* da matemática pura e da ciência pura da natureza, que tem

---

<sup>1</sup> KANT, I. *Prolegômenos a toda metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1987. A125/p.110. As referências das citações seguem a paginação da edição alemã original, acompanhada da edição portuguesa.

como conseqüência a impossibilidade do conhecimento teórico das coisas em si, com o estabelecimento da possibilidade de uma metafísica como ciência.

Kant coloca como questão principal dos *Prolegômenos* a pergunta pela possibilidade da metafísica como ciência. Ele afirma que para apresentar um conhecimento como ciência é preciso delimitar suas fronteiras, determinar seu caráter distintivo em relação às outras ciências. Visto que a metafísica consiste, em sua primeira parte, em conhecimentos independentes da experiência, para tratar da questão de sua possibilidade como ciência, é preciso, primeiramente, compreender “*como são possíveis proposições sintéticas a priori*”<sup>2</sup>, ou seja, como podem existir proposições que conectam de maneira necessária e, deste modo, independentemente da experiência, a um conceito A, um conceito B, que não está contido nele.

Como na exposição dos *Prolegômenos* Kant segue o método analítico – que consiste em partir de algo que se conhece para buscar, em seguida, sua condição de possibilidade<sup>3</sup> – em sua investigação sobre a possibilidade das proposições sintéticas *a priori*, ele vai partir da existência, já estabelecida, destas proposições na matemática pura e na ciência pura da natureza.

Uma vez que as proposições da matemática pura são sempre intuitivas, Kant afirma que só pode haver conhecimentos sintéticos *a priori* na matemática se o sujeito puder intuir algo dos objetos antes que estes sejam dados na experiência. Tal intuição pura só pode existir se for considerada apenas como forma da sensibilidade, mediante a qual as intuições sensíveis tornam-se possíveis para o sujeito. Desse

---

<sup>2</sup> Idem, A41/p.40.

<sup>3</sup> Idem, A42/p.40. Sobre a distinção entre método analítico e sintético conferir a nota (1): “O método analítico, enquanto oposto ao sintético, é inteiramente diverso de um conjunto de proposições analíticas: significa apenas que se parte do que se procura, como se fosse dado, e se vai até as condições sob as quais unicamente é possível”.

modo, é apenas estabelecendo o espaço e o tempo como formas puras da sensibilidade que se pode fundamentar a possibilidade de tais conhecimentos na matemática. Mas Kant observa que o espaço e o tempo só podem ser admitidos como formas da sensibilidade na medida em que se estabelece que o sujeito pode perceber os objetos apenas enquanto fenômenos, ou seja, somente como aparecem aos sentidos e nunca como são em si mesmos. Sendo assim, “a matemática pura, como conhecimento sintético *a priori*, só é possível enquanto ela não se aplica senão a simples objetos dos sentidos, cuja intuição empírica se funda numa intuição pura (do espaço e do tempo) e, certamente, *a priori*, e pode fundar-se porque esta intuição pura não é mais do que a simples forma da sensibilidade, que precede a real aparição dos objetos, ao torná-la primeiramente possível na realidade”<sup>4</sup> É, portanto, através da limitação da forma da sensibilidade às coisas enquanto aparecem para o sujeito, ou seja, enquanto fenômenos, que Kant pode assegurar a possibilidade das proposições sintéticas *a priori* na matemática pura.

Kant passa, então, a investigar a possibilidade da existência das proposições sintéticas *a priori* na ciência pura da natureza, ou seja, a possibilidade dos juízos de experiência, que consistem em unidades sintéticas de percepções consideradas como válidas necessária e universalmente<sup>5</sup> Ele afirma que, para que tais juízos sejam possíveis,

a intuição dada deve ser subsumida num conceito que determina a forma do juízo em geral relativamente à intuição, o qual liga a consciência empírica desta intuição numa consciência em geral e assim, cria para os juízos empíricos uma validade universal; semelhante conceito é um conceito puro *a priori* do entendimento que nada

---

<sup>4</sup> Idem, A54/p.51.

<sup>5</sup> O artigo de B. Longuenesse “Kant et les jugements empiriques: jugements de perception et jugements d’expérience” (In: *Kant-Studien*, 86 (1995), p. 278-307) será muito útil, durante a pesquisa, para esclarecer de que maneira Kant explica a formação dos juízos de experiência nos *Prolegômenos*.

mais faz do que determinar em geral para uma intuição a maneira como ela pode servir aos juízos<sup>6</sup>.

Os juízos empíricos, portanto, só ganham validade objetiva, tornando-se juízos de experiência, devido à existência dos conceitos puros do entendimento – as categorias – através das quais o entendimento subsume as intuições dadas na sensibilidade. Mas, na medida em que os conceitos puros do entendimento apenas determinam a forma lógica do juízo em relação às intuições dadas na sensibilidade, eles “não tem qualquer significado se se afastam dos objetos da experiência e se referem a coisas em si (noumena)”<sup>7</sup> Dessa maneira, Kant pode assegurar a possibilidade das proposições sintéticas a priori na ciência pura da natureza estabelecendo as categorias como independentes da experiência, quanto à sua origem, mas como restritas a esta, quanto ao seu uso, uma vez que elas são apenas a forma do pensamento mediante a qual a experiência torna-se possível para o sujeito.

Ao estabelecer, portanto, como independentes da experiência, quanto à sua origem, tanto o espaço e o tempo, por serem formas puras da sensibilidade, quanto as categorias, por serem os conceitos puros através dos quais o entendimento determina os fenômenos, Kant pode explicar a existência das proposições sintéticas *a priori* e legitimar, assim, a necessidade e a universalidade dos conhecimentos da matemática pura e da ciência pura da natureza. Mas, para tanto, ele limita todo o conhecimento teórico ao domínio dos fenômenos, uma vez que as intuições puras e os conceitos puros do entendimento só podem ser aplicados à sensibilidade, que nunca pode dar ao sujeito as coisas tais como são em si mesmas, mas apenas os seus fenômenos.

Desse modo, Kant assegura a possibilidade da metafísica, em sua primeira parte, que se ocupa de conceitos *a priori*, “que encon-

---

<sup>6</sup> KANT, I. *Prolegômenos a toda metafísica futura*, A82/p.73-4.

<sup>7</sup> Idem, A101/p.89.

tram sempre sua aplicação na experiência”<sup>8</sup>. Mas ele estabelece que esta não é sua parte essencial. O cerne e a peculiaridade da metafísica é “a aplicação da razão simplesmente a si mesma e o pretense conhecimento objetivo que decorreria imediatamente da razão incubando os seus próprios conceitos, sem para isso ter necessidade da mediação da experiência, ou que em geral aí possa chegar através dela”<sup>9</sup>. Sendo assim, é preciso perguntar pela possibilidade da metafísica como ciência não mais enquanto ela se refere ao que é dado pela sensibilidade, mas quando ela pretende ultrapassar com seus conceitos toda a experiência possível e conhecer os objetos supra-sensíveis.

Kant afirma que é preciso resolver esta questão da possibilidade da metafísica, porque o uso experimental, ao qual o entendimento deve limitar-se, não satisfaz a razão, pois ela tem uma disposição natural para buscar o incondicionado, com o qual possa terminar a série ilimitada das condições as quais se submetem todos os objetos da experiência. Sendo assim, ela exige *a totalidade absoluta de toda a experiência possível*, que não pode ser dada pela própria experiência. Este é um problema necessário da razão, que não pode ser representado por conceitos puros do entendimento, mas apenas por idéias, conceitos puros da razão, cujo objeto não pode ser dado em nenhuma experiência.

Mas, se a metafísica em sua parte essencial deve tratar de objetos que não podem ser dados de maneira alguma aos sentidos e o resultado da investigação da possibilidade das proposições sintéticas a priori é exatamente a restrição de todo o conhecimento à experiência possível, Kant não estaria estabelecendo aqui a impossibilidade da metafísica como ciência?

Podemos perceber durante todo o percurso dos *Prolegômenos* que se trata exatamente do contrário. É a partir desta limitação de todo o conhecimento teórico ao domínio dos fenômenos, possibilitada pela distinção das coisas em geral coisas enquanto fenômenos e enquanto

---

<sup>8</sup> Idem, A125/p.110.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*.

em si mesmas, que Kant pretende estabelecer a possibilidade da metafísica como ciência.

Kant afirma que tanto a matemática pura quanto a ciência pura da natureza não precisariam, por elas mesmas, da investigação realizada, visto que ambas já se encontram bem fundamentadas, a primeira apoiando-se em sua própria evidência e a segunda sustentando-se pela experiência que lhe proporciona confirmação constante:

(...) a nossa laboriosa analítica do entendimento seria, por isso, inteiramente supérflua se nada mais tivéssemos em vista do que o simples conhecimento da natureza, tal como ele pode ser dado na experiência; pois a razão faz o que lhe incumbe tanto na matemática como na ciência da natureza de um modo totalmente seguro e conveniente, sem toda esta subtil dedução: assim, a nossa crítica do entendimento une-se às idéias da razão pura em vista de um fim que ultrapassa o uso empírico do entendimento (...).<sup>10</sup>

Essa dedução dos conhecimentos *a priori* não tem, portanto, como objetivo principal, a legitimação da objetividade dos conhecimentos da matemática e da ciência da natureza, mas o estabelecimento de uma ciência metafísica<sup>11</sup>. Sendo assim, embora tenha como conseqüência a impossibilidade de um conhecimento teórico das coi-

---

<sup>10</sup> Idem, A132/p.115.

<sup>11</sup> Sobre este assunto será de grande ajuda o artigo "O papel do espaço na elaboração do pensamento kantiano" de Lebrun, que não nos deixa perder de vista a importância da relação de Kant com a ciência de seu tempo: "Se a filosofia transcendental não tem por objetivo primeiro fundar a verdade da física e da matemática, mas sim permitir a constituição de uma metafísica como ciência digna desse nome, não é menos verdade que ela é também uma justificação da verdade das matemáticas e de sua aplicabilidade à natureza" (in: *Sobre Kant*. Trad. R.R.Torres Filho. Ed. Iluminuras-Edusp, São Paulo, 1993, p.26). Neste artigo Lebrun expõe a preocupação de Kant em defender os conhecimentos da geometria e da física matemática dos ataques das metafísicas dogmáticas. Tal exposição será importante no desenvolvimento desta pesquisa, que buscará compreender de que modo Kant pode conciliar a legitimação dos conhecimentos das ciências teóricas com o estabelecimento de uma ciência metafísica que não as contradiga.

sas que não podem ser dadas aos sentidos, essa dedução tem como finalidade estabelecer de que maneira a razão pode ultrapassar esta limitação do entendimento ao uso empírico, sem entrar em conflito consigo mesma. Será preciso examinar, então, como Kant transforma esse resultado da dedução do conhecimento *a priori* aparentemente negativo para a metafísica, na própria condição de possibilidade de seu estabelecimento como ciência.

Como vimos acima, a razão tem uma disposição natural para a metafísica, pois exige, para sua satisfação, a *totalidade da experiência*, que não pode ser dada pela própria experiência e, por isso só pode ser representada pelos conceitos puros da razão, as idéias transcendentais. Kant afirma que essas idéias são reguladoras, pois a razão busca, por meio delas, fornecer uma unidade sistemática ao uso do entendimento<sup>12</sup>. Desse modo, a razão não deve entrar em conflito com o entendimento, pelo contrário:

é preciso que haja concordância entre o que pertence à natureza da razão e o que é próprio da natureza do entendimento; e aquela deve contribuir para a perfeição desta última e não é possível que a possa perturbar.<sup>13</sup>

Mas essa disposição natural para a metafísica leva à razão uma ilusão inevitável: em sua pretensão de ir além do que é dado aos sentidos, ela impele o entendimento a ultrapassar seus limites e fazer um uso transcendente e, portanto, ilegítimo, das categorias. Dessa forma, esta disposição tomada em si mesma nunca pode constituir uma metafísica como ciência, pois leva a razão a entrar em contradição consi-

---

<sup>12</sup> É importante notar que Kant afirma no § 60 dos *Prolegômenos* (A185/p. 159) que a razão, devido à sua disposição natural para a metafísica, dá origem às idéias transcendentais tendo em vista não apenas a unidade sistemática do uso do entendimento, mas também a universalidade dos princípios práticos que ela precisa alcançar em sua intenção moral. Entretanto, o filósofo apenas indica a importância desta questão do fim prático da razão, sem buscar resolvê-la.

<sup>13</sup> KANT, I. *Prolegômenos a toda metafísica futura*, A132/p.115.

go mesma. Kant afirma, então, que para constituir uma metafísica como ciência “é preciso que uma crítica da própria razão exponha toda a provisão dos conceitos *a priori*, a sua divisão segundo as diversas fontes, a sensibilidade, o entendimento e a razão”<sup>14</sup> É apenas mediante esta delimitação de todo o âmbito da razão, isto é, das fontes de seus conceitos e das limitações de seus usos, que se pode evitar que a razão entre em conflito consigo mesma ao pretender obter um conhecimento teórico de algo que não pode ser dado pela sensibilidade.

Sendo assim, a limitação do conhecimento teórico à experiência possível possibilita a metafísica como ciência na medida em que delimita suas fronteiras, distinguindo seu campo como sendo completamente diferente do domínio das ciências teóricas, visto que ela trata dos objetos que estão além da sensibilidade e, que, nesta medida não podem ser conhecidos, mas apenas pensados. Portanto, como nos aponta Lebrun, em *Kant e o fim da metafísica*, Kant estabelece a impossibilidade da metafísica como ciência, mas apenas enquanto ciência teórica que pretende concorrer com a matemática e a física em seu terreno: a experiência possível.

Visto que a legitimidade de um saber *a priori* é medida pela possibilidade da experiência, a metafísica como ciência dogmática deve ser simplesmente recusada...<sup>15</sup>

Mas isso não significa que a metafísica não possa ser estabelecida como ciência, mas num sentido novo, “segundo um plano inteiramente desconhecido até agora”<sup>16</sup>. “É completamente diferente dizer: não existe metafísica, porque só há teoria no nível da experiência - e dizer: como só há teoria no nível da experiência, a metafísica é uma ciência sem teoria, logo é a ciência em um sentido inédito”<sup>17</sup>

---

<sup>14</sup> Idem, A189/p.163.

<sup>15</sup> LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica* Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p.48.

<sup>16</sup> KANT, I. *Prolegômenos a toda metafísica futura*, A7/p. 13.

<sup>17</sup> LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*, p. 50.



Desse modo, se Kant restringe, por um lado, todo conhecimento teórico ao domínio dos fenômenos, estabelecendo as coisas em si como incognoscíveis e impossibilitando, assim, a metafísica dogmática, por outro lado, ele afirma que é esta própria limitação que possibilita a admissão e o pensamento das coisas em si, na medida em que elimina as contradições em que a razão cairia se pretendesse conhecê-las. É, portanto, a partir da distinção entre fenômenos e coisas em si, que ele pode estabelecer a metafísica como ciência, na medida em que delimita seu território como sendo diferente do domínio das ciências teóricas, eliminando, assim, a concorrência entre elas.

## Bibliografia

- KANT, Immanuel. *Prolegômenos a toda metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1987.
- LONGUENESSE, Beatrice. "Kant et les jugements empiriques: jugements de perception et jugements d'expérience" In: *Kant-Studien*, 86 (1995), pp. 278-307.
- LEBRUN, Gerard. "O papel do espaço na elaboração do pensamento kantiano" e "A aporetica da coisa em si" In: *Sobre Kant*. Trad. R.R.Torres Filho. Ed. Iluminuras-Edusp, São Paulo, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Kant e o fim da metafísica*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo, Martins Fontes, 1993.